

Contribuições dos estudos contemporâneos sobre o conceito de identidade para pensar a cultura negra na era dos algoritmos¹

Emilly Fátima Ferreira de LIMA²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as contribuições dos estudos contemporâneos de Stuart Hall, Avtar Brah e Osmundo Pinho sobre o conceito de Identidade para pensar sobre a cultura negra e não-hegemônica na era dos algoritmos. Compreende-se que o conceito de Identificação é central para a criação de um mundo digital que possa representar essas diferentes formas de existência e de organização social das pessoas negras no Brasil e no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Cultura Digital; Cultura Negra; Algoritmos.

Dispositivos, algoritmos e epistemicídio

O presente trabalho é parte de um projeto de mestrado que busca analisar a cultura digital a partir do conceito de Sankofa e do dispositivo da racialidade para compreender o funcionamento do dispositivo algorítmico e seu impacto no epistemicídio digital da identidade e cultura negra e não-hegemônica no Brasil. O objetivo aqui é analisar as contribuições dos estudos contemporâneos sobre o conceito de Identidade para pensar sobre a cultura negra e não-hegemônica na era dos algoritmos e do “mundo digital”.

Com os constantes avanços tecnológicos em temas como *Big Data*, *Machine Learning* e *Deep Learning*, a inteligência artificial (IA) se torna cada dia mais presente em nosso cotidiano, trazendo várias implicações sobre a nossa estrutura social e transformando o modo como nos comunicamos, nos relacionamos e produzimos cultura. Os efeitos da tecnologia na sociedade podem ser comparados por exemplo com o surgimento da eletricidade, e a inteligência artificial com a invenção da primeira lâmpada elétrica em meados de 1879. Os softwares de Inteligência Artificial atualmente estão sendo usados em diferentes áreas do nosso cotidiano, como na Educação, no Jornalismo e na Segurança Pública, acarretando em uma série de vantagens e desvantagens.

Quando a internet surgiu, a ideia que se tinha era de que seria um ambiente igual para todos, sem reprodução dos problemas sociais no meio digital. Com os avanços nos estudos sobre Colonialismo de Dados e Racismo Algorítmico, por exemplo, observa-se que essa não é a realidade. Nesta seara, por exemplo, existem vários estudos (Carrera, 2020; Kalla & Smith, 2023) acerca de como os mecanismos de funcionamento dos algoritmos em diferentes áreas reproduzem estereótipos de raça, classe e/ou gênero, contribuindo para a perpetuação de opressões e microagressões contra grupos subalternizados.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação e Cultura da ECO-UFRJ, email: efl.emilly@gmail.com.

Sob a ótica do dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023), a racialidade pode ser vista como um domínio capaz de produzir poderes, saberes e subjetividades a partir da negação e interdição de poderes, saberes e subjetividades. Esse dispositivo possui como estratégias interdições múltiplas da ordem do discurso e da prática social que colocam pessoas não-brancas na esfera do “não ser”. Partindo dessa lógica, é possível refletir sobre comunicação, tecnologia e a cultura digital. Sob a ótica dos algoritmos, fica o questionamento: quem é o “Ser” e quem é o “Outro”?

Um desdobramento desse dispositivo de racialidade é o epistemicídio, proposto por Boaventura Souza Santos, para traduzir uma “forma de sequestro, rebaixamento ou assassinato da razão” (Carneiro, 2023) em que “as pessoas negras são anuladas enquanto sujeitos do conhecimento e inferiorizadas intelectualmente” (Carneiro, 2023). No contexto da tecnologia, da internet e das inteligências artificiais, podemos deduzir sobre o conceito de epistemicídio digital como um instrumento capaz de apagar a dimensão ontológica do “Ser” Negro na esfera digital através de diferentes formas. Ainda de acordo com Carneiro, o epistemicídio pode ser visto como uma consequência da hegemonização cultural da modernidade no mundo globalizado ocidental, embasando uma suposta legitimidade (e superioridade) da cultura do dominador.

E nesse momento da minha pesquisa me deparo com uma questão: É possível pensar em uma Identidade Negra? Para discorrer sobre isso, me apoio em alguns textos referenciados no curso “Identities Redux: uma certa história do conceito de identidade” ministrado pela professora Dra. Liv Sovik na Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Identidade, Identificação e Diferença

O conceito de Identificação tem sido usado por pesquisadores dessa temática em alternativa a uma concepção rígida de Identidade. A escolha de Identificação é preferível pois sugere um processo dinâmico, um movimento processual, algo que não se encerra em si mesmo. Para Stuart Hall (2008)

[...] a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de "efeitos de fronteiras". Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora - o exterior que a constitui.

Essa fluidez conceitual é importante uma vez que a problemática da identidade perpassa a relação com o Outro, sendo mais um produto de marcação da diferença do que um signo único. Nesse sentido, a questão da diferença tem sido importante na compreensão dos estudos contemporâneos sobre identidade. Para os fins deste trabalho, vale destacar a perspectiva da “diferença como identidade” proposto por Avtar Brah (2006):

Identities are inscribed through culturally constructed social relations. Subjectivity – the place of the process of giving meaning to our relations with the world – is a modality in which the precarious and contradictory nature of the subject-in-process gains meaning or is experimented as identity. Identities are marked by the multiplicity of positions of the subject that constitute the subject. Therefore, identity is not fixed or singular; it is a multiplicity of relational change.

Brah argues against an essentialist concept of difference, locating it in historical and cultural limits instead of transcending them. She also discusses the importance of subjectivity, identity and communities as a political affirmation, bringing race as a marker “irradicable” of social difference. For her, the category “black” is capable of generating solidarity between political subjects of different groups without requiring that all members of the communities be identified as black.

This conception can converge with the thought about Africa and diaspora, dialoguing with Osório Pinho (2021) and the conception that the remission to Africanity permeates the formation of political sensibility and subjectivity of numerous black people in Brazil.

Throughout the 20th century, and with new emphasis after the military regime, we find intense connection with Africa, through the elaboration of what I call Signo-Africa, a symbolic supplementary structure of political agency (Pinho, 2021).

Therefore, referring to Africanity would be a political (re)affirmation of a black identity in Brazil. Identification is what is founded (and strengthened) by artistic-cultural elements (Pinho, 2021) such as the Afro Blocs, Capoeira, Maracatu and Jongo, exponents of a black-Brazilian culture.

The reorganization of the black movement in the 1970s can also be considered a milestone for the constitution of these identifications among black people in Brazil, through a discourse of rescue of ancestral roots and the registration of black children with African names, for example (Domingues, 2007).

To think about the forms of facing the digital epistemicide of black and non-hegemonic communities, it is understood that identification is central for the creation of a digital world that can represent these different forms of existence and social organization of black people in Brazil and in the world.

Construção de identificações entre pessoas negras na esfera do digital

As a glimpse of a black identity in the digital world, some studies focus on the construction of identifications among black people in the digital sphere. The research

realizada por Canuto & Silva (2023) verificou como o uso de emojis racializados na comunicação de usuários de redes sociais se tornam ferramentas de identidade e de resistência negra no digital. Outro estudo importante para essa temática é o de Silva (2023), cujo objetivo é investigar as estratégias de construção e desconstrução da identidade parda nas redes sociais digitais, sendo atravessada pela concepção de negro enquanto categoria de cor e sujeito político.

Entendemos que o problema da tecnologia está na forma como ela historicamente tem sido construída. Por isso, a perspectiva passado-presente-futuro aliada a construção de identificações que buscam fortalecer a cultura negra podem ser uma estratégia de resistência e de esforço para construir tecnologias mais inclusivas no futuro.

O Adinkra - conjunto de ideogramas usados na África Ocidental para representar valores da comunidade, ideais e provérbios- Sankofa significa “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro” (Nascimento & Gá, 2009), e representa bem a configuração da forma como a internet, os algoritmos e as inteligências artificiais funcionam: usando dados do passado para modular o presente e servindo de base para a construção do futuro. Portanto, é preciso voltar atrás para, assim, avançar.

REFERÊNCIAS

- BRAH, A. “Diferença, diversidade, diferenciação”. *Cadernos Pagu* (26), janeiro-junho de 2006: pp.329-376
- CANUTO, S. K. A. C. & SILVA, V. (2023). *Caminhos em Linguística Aplicada* Taubaté, SP, v. 28, n.2, p. 105-126
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CARRERA, Fernanda. (2020). A raça e o gênero da estética e dos afetos : Algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais. *MATRIZES*, 14(2), 217-240.
- DOMINGUES, P. (2007). Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, 12(23), 100–122. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>
- HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2008. cap.3, p.103-133
- KALLA, Dinesh & SMITH, Nathan. Study and Analysis of Chat GPT and its Impact on Different Fields of Study (March 1, 2023). *International Journal of Innovative Science and Research Technology* Volume 8, Issue 3, March – 2023, Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=4402499>
- NASCIMENTO, E. L., & GÁ, L. C. (2009). *Adinkra: sabedoria em símbolos africanos*. Pallas

PINHO, O. “A pessoa do escravo: Morte social e imaginários políticos da diáspora africana no Brasil”. Cataveiro: Antinegitude e ancestralidade. Salvador: Segundo Selo, 2021, p.41-68.

SILVA, D.K.M. Construção e Desconstrução da Identidade Parda como Identidade Negra em Narrativas das Redes Sociais Digitais. In: Anais 46 ° CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2023, Belo Horizonte.